

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/RESIDENCIA DE ESTUDANTES/OPINIAO

ESTUDANTES DOMINAM TAL

**Um repórter de «Tal & Qual» meteu-se na pele de um provinciano estudante universitário acabado de chegar a Lisboa e foi à procura de sítio para viver. Ao fim de uma semana concluiu que o negócio de alugar de quartos em Lisboa é uma missão!**

A CIDADE Universitária de Lisboa é uma grande província. Todos os anos caem aí milhares de novos alunos vindos de todo o País.

Os que têm rendimentos familiares baixos conseguem arranjar um lugar, subsidiado totalmente ou em parte pelas bolsas de estudo, nas residências oficiais de estudantes — cerca de uma dezena em toda a cidade, dependentes dos serviços sociais do Ministério da Educação. Os restantes — a grande maioria — têm que se encaixar em casa de familiares, em lares de freiras, ou então em quartinhos de habitações particulares, alugados a peso de ouro. Por vezes paga mais o hóspede pelo quarto do que a senhoria pela renda de casa...

Em vésperas do novo ano escolar, um repórter de «Tal & Qual» destacou-se de estudante do 1º ano de Direito, acabado de chegar de Bragança, e foi tentar arranjar sítio para viver. Após uma semana de busca, chegou a uma conclusão: não se consegue nada por menos de 10 ou 20 contos. Se optar (e conse-

guir arranjar) um quarto dos mais baratos, arrisca-se quase sempre a ter de reparti-lo com outro estudante. Se for para os de 15 ou 20 contos, pode dormir sozinho e, com um bocadinho de sorte, tem direito a uma mesinha para estudar, água e luz sem restrições de consumo, podendo também, em alguns casos, usar a cozinha e a máquina de lavar roupa.

Não foi difícil ao «estudante» que chegou de Bragança encontrar as senhoritas de Lisboa. Sim, porque a maior parte das ofertas de aluguer de quartos tem uma mulher por trás. Aparentemente, os homens não se metem nisso: continuam sentados a ver a televisão enquanto a mulher atende os telefonemas ou mostra as instalações, impõe as regras de habitabilidade, e discute os preços com o candidato ao lugar.

O repórter começou a procurar na própria Faculdade de Direito. Nesta época do ano, as paredes das escolas superiores de toda a Lisboa estão firmadas de pequenos anúncios de aluguer e de procura de quartos, colocados estrategicamente entre panfletos, ofertas de emprego, comunicados das Associações de Estudantes, avisos dos Conselhos Directivos. Num mestante de folha A-4, pregada a fita-cola, lia-se: «Alugam-se dois quartos com servente para toda a casa. Bem situados junto ao Estádio de Benfica. Casa nova e areira. Bom ambiente». Assinava o papelinho um número de telefone.

Estabelecido o contacto, surge do outro do lado do fio a voz de uma mulher. Começa por esclarecer que só aceita raparigas. Passa a ser a «prima» do repórter

a interessada. A mulher explica então as condições: duas raparigas em cada quarto, a 15 contos por mês e por cabeça. «Caro?! Já só há uma vaga isto é, só haverá vaga se uma das moças que já falou falhar... Sexta-feira à noite, se quiser voltar a telefonar, já lhe dou uma resposta mais segura». A seguir vem a justificação do preço: «É uma casa nova, está mobiliada, tem máquina de lavar roupa e vive cá gente velha de muito respeito. Só cá queremos pessoas certinhas. Nada de matar cá namorados... para não dar mau ambiente. Eu venho cá de vez em quando, porque não quero que haja problemas com os vizinhos. Não queremos fazer dano uma república! Mas experimente telefonar na sexta-feira...»

No bloco, o repórter levava outro número, desta vez numa rua da Graça. Azar.

O quarto já estava também ocupado. «Tenho muita pena, mas já tenho tudo cheio». A senhoria fazia 12 contos, por quarto a repartir (o repórter, não o preço) por dois. A vantagem é que também se compromete a fazer alguns arranjos de roupa. «Lá os hóspedes são tratados como família: estão no seu quarto e podem servir-se da casa de banho quantas vezes quiserem. Das outras divisões também... Mas que necessidade é que eles têm de andar pela casa toda?!» «Antes de despedir: «Se para o ano o senhor estiver interessado...»

O anúncio para aluguer de quarto na Francisco Balse também já tinha sido respondido. Já lá estavam duas raparigas a pagarem 11 contos por mês, cada uma, com direito a casa de banho e a cozinha. Por 15

mil escudos tinha o «estudante» conseguido um quartinho na Dr. Rodrigo da Cunha, «se tivesse falado mais cedo». Agora, nada a fazer: «Já está tudo cheio».

Nova tentativa. A casa «junto ao Rato com a carreira 36 à porta» não parecia má ideia. Mais um telefonema, nova destinação: «Já está ocupado» — responde a senhoria. O preço não disse ela, mas tentou animar o «estudante» quando este se mostrou um pouco desesperado por não conseguir arranjar nada: «Se procurar, talvez ainda consiga alguma coisinha, por doze, quinze ou dezasseis contos. No prédio da minha irmã, perto da Gubertkian, estão a lavar dezasseis contos. E até vinte já levam!

Na Alexandre Marciano, uma rapariguinha que é da Madeira, está a pagar vinte contos! Vinte contos só com banhos! «Quisemos saber quanto é que a senhora pagava de renda pela casa. Mudou logo de tom e convera: «Que é que tem a ver com isso?! Quer arranjar quarto ou não quer?!!». Desligou.

O último contacto feito pelo repórter foi para os «dois estudantes que procuram quarto para alugar na zona de Lisboa».

No papelinho do anúncio colado na parede da Faculdade deixaram o número de telefone, da zona de Viseu. Atendeu uma mulher, mãe de um deles. Disse que um dos rapazes já estava servido. O outro é que não. «Têm recebido muitos telefonemas de Lisboa, mas ninguém oferece um quarto individual. Só se for para repartir com outro estudante. Pedem dez e quinze contos e às vezes nem uma mesinha têm. Como é que os moços podem estudar assim?!... Se o senhor souber de alguma coisinha melhor...»

ALGODOS VENTURA

Serviços Sociais - Residências universitárias

OUT	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
-----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----